

## RECENSÕES

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução e comentários por Ana Ana Lúcia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1979. 104 p. Inclui o original grego.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo, Massao-Ohno, 1981. 160 p.

A existência de duas traduções brasileiras da *Teogonia*, editadas nos últimos anos, demonstra o interesse que o texto de Hesíodo é capaz de provocar ainda. São trabalhos de índole e objetivos diferentes, merecendo ambos aplausos pela oportunidade de seu aparecimento.

O primeiro tem a grande vantagem de trazer o original grego, se bem que poderia ter sido o mesmo colocado ao lado da tradução e não no final do volume, o que dificulta o confronto com o texto português das Professoras Ana Lúcia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra. Este é bem acabado, fiel ao pensamento de Hesíodo e de fácil leitura mesmo para os não-iniciados, tendo as tradutoras optado pela versão em prosa que, se não nos parece o melhor quando o original é versificado, tem a vantagem de ser mais acessível ao leitor, no que auxiliam ainda as notas de pé-de-página.

O estudo inicial introduz o leitor moderno no mundo do autor, que provavelmente viveu na segunda metade do século VIII ou no primeiro quartel do século VII a.C. Informa-se aí, com base em bem fundamentada bibliografia, sobre a vida de Hesíodo, sua obra, seu pensamento, as fontes do poema e sua estrutura, chamando as professoras a atenção, com justeza, para a evolução que se pode constatar em face da epopéia: "Da fantasia contagiante dos poemas homéricos que enaltecem as grandezas da idade heróica, sem preocupação moralizante, passou-se à moral hesiódica, imposta pela experiência do poeta camponês e ditada por uma profunda religio-

sidade em nome do respeito e da justiça” (p. 12). O poema é considerado, assim, seguindo o ponto de vista tradicional, de uma perspectiva prática, enquadrando-se dentro do que se costuma chamar de *poesia didática*.

Já o trabalho de Jaa Torrano pretende uma leitura do texto de Hesíodo capaz de atinar com sua força mítica. Preocupa-se em desvendar o caráter *numinoso* da palavra mítica, que repousa no próprio fato de ser o poema, segundo seu próprio autor, o mesmo canto que constantemente entoam as Musas no Olimpo, diante do altar de Zeus pai. Esse discurso, dando a revelar o ser dos deuses imortais, lhes daria fundamento, o que determina sua feição *ontofânica*. Das Musas, através de seu canto, é que vem o ser dos deuses e seu poder: “No encanto do Canto é que se experimenta a Mais Forte Realidade, O que se dá como Presença Divina... A experiência numinosa do Canto é a audição de palavras-seres, de palavras-presenças. A Palavra-Presença, i.é, a Voz múltipla e uníssona das Musas encarnada na voz do aedo, mais do que ouvida é percebida: é vivida e vista na arcaica concreitude em que se reúnem e se con-fundem o nome e a coisa nomeada” (p. 116-117).

Em seguida, Torrano examina com argúcia o problema da origem dos deuses exposta pelo poeta grego. Determina, com base no texto, quatro princípios — o Caos, a Terra, o Tártaro e Eros (o Amor) — estabelecendo a relação entre eles, baseada nas forças geradoras que simbolizariam. A Terra é morada eterna e firme de tudo, para mortais e imortais; o Tártaro se entende como abismo, ou seja, um *negativo* da Terra. Por seu turno, o Amor representaria (constituiria) o poder de criação através da união dos seres, sendo o Caos seu negativo, enquanto constitui o princípio de geração por separação, sem o concurso de dois elementos que dêem origem a um terceiro. A descendência da Terra (após os primeiros movimentos em que esta sozinha gera o Céu, igual a si mesma, as Montanhas e o Mar, “sem desejoso amor”) enquadra-se no primeiro tipo, sendo constituída sobretudo de seres luminosos e *positivos*. Já dos Caos vêm, sem atuação do amor, O Érebo e a Noite, esta última com sua prole maligna: Lote, Sorte negra, Morte, Sono e Sonhos, Escárnio e Miséria. Isso ocorre com toda descendência de Caos, com exceção de Éter e Dia, filhos da Noite

e de Érebro, aliás os únicos seres luminosos e positivos nessa estirpe. Há pois na *Teogonia*, afirma Torrano, “duas formas de procriação: por união amorosa e por cissiparidade — uma divindade original biparte-se, permanecendo ela própria ao mesmo tempo que dela surge por esquizogênese uma outra divindade” (p. 50).

Igualmente instigantes são os capítulos dedicados à sucessão das linhagens divinas (Céu, Cronos e Zeus) e à atribuição e divisão de poder nelas; às relações da Memória, mãe das Musas, com a Moira e ao problema do temporal no discurso mítico. Quanto ao último aspecto, demonstra o autor como a temporalidade se revela “presença absoluta”, ou seja, o tempo não se mede em termos de duração e de sucessão, mas os tempos coexistem: “Cada Deus nasce e é num tempo que só tem origem e ser na origem e ser desse Deus que o instaura ao instaurar-se em seu ser. Não há um tempo único e uniforme, duração homogênea e infinita, comum a todos os Deuses e preexistente a eles; há tempos múltiplos e qualificados diversamente segundo o nascimento-natureza do Deus que o instaura” (p. 109).

Trata-se, sem dúvida, de uma aguda percepção das peculiaridades do discurso/pensamento mítico, quel evanta sugestões para problemas nunca fartamente discutidos que a *Teogonia* oferece, como o significado do Caos, não mais perceptível nem mesmo para os próprios gregos de períodos posteriores, já distanciados dos processos lingüísticos e de pensamento do mito. A sensibilidade diante do texto hesiódico leva Torrano a uma tradução preciosa do mesmo, em versos que respeitam o ritmo e o modo de expressão do poeta. Detalhes como a preocupação de manter a transparência dos nomes que em grego a têm — o que o faz verter ao português, por exemplo, os nomes das Musas como Glória, Alegria, Festa, Dançarina, Alegria-coro, Amorosa, Hinária, Celeste e Belavoz — dão feição especialíssima a seu trabalho, destacando-o dos moldes tradicionais de tradução dos textos antigos. Na verdade, se o poema tem, como se afirma, caráter ontofânico, se o nome é nume, cada detalhe se revela cheio de significado/ser: a ordem dos termos, o ritmo de pensamento, a sucessão dos versos, a transparência dos nomes.

Como se vê, são duas versões diferentes da obra de Hesíodo, ambas bem vindas e necessárias num mercado editorial ainda tão carente de textos clássicos, como é o brasileiro.

MAGDA GUADALUPE DOS SANTOS e  
JACYNTHO LINS BRANDÃO

*A democracia grega.* Organização de Hélio Jaguaribe. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1982. 149 p., ilustrações.

O volume é composto pelas cinco conferências e mesa redonda realizadas durante a “Semana da Grécia” — promovida em 1980 pela UnB e pelo Instituto de Estudos Políticos e Sociais — acrescidas de uma introdução geral ao tema e da Oração Fúnebre de Péricles, em tradução portuguesa. Procura-se dar ao leitor uma informação geral a respeito da democracia grega — o que se obtém principalmente através da leitura da referida introdução e do artigo “A Democracia de Péricles”, assinados ambos por Hélio Jaguaribe — ao mesmo tempo em que aspectos singulares do assunto recebem tratamento específico. Este é o caso das palestras de autoria de José Cavalcante de Souza, Mário Vieira de Mello, Celso Lafer e Eudoro de Sousa, intitulados, respectivamente: “A pólis como quadro institucional da cultura grega”; “A crítica socrático-platônica à democracia ateniense”; “Medida e desmedida: reflexões sobre as relações externas da pólis e sobre o conflito Demóstenes e Filipe”; e “Paidéia”. Segundo as palavras do próprio organizador do volume, esses trabalhos “constituem uma tentativa de apreciação crítica, a partir de uma perspectiva brasileira contemporânea, do grande experimento político da Grécia clássica”, buscando, “a partir da literatura disponível, reinterpretar, criticamente, as principais idéias e ocorrências políticas daquele mundo, notadamente na sua expressão ateniense”.

Merecem destaque as considerações filológicas propostas pelo Prof. José Cavalcanti de Souza, em torno da analogia entre o *lógos*